

— Mas eu tenho receio... Os jornais falam, depois toda gente por aí se põe a discutir, não me deixam mais tranqüilo no meu canto... Além disso, depois, quererão de certo que eu faça coisas que não poderei fazer... o impossível...

Por um momento, meditamos sobre essas palavras. Chico Xavier é bom psicólogo, também... Fama de faculdades extraordinárias?... Multidões à porta... Romarias de doentes e desesperados... Solicitação de prodígios... Corpos em busca da cura, almas em busca de consolo... A humanidade ainda não pôde prescindir dos deuses, dos magos e dos milagres.

E até no mistério da morte ela vai procurar socorro e consolação para a vida...

As confidências

A audiência, ali, na sala da coletoria, é rápida. Chico Xavier é o único caixeteiro da venda de "seu" Zé Felizardo, e "seu" Zé está doente. O balcão ficou abandonado. Chico Xavier tem que voltar já para lá; mas ali estará à nossa disposição, ou mais tarde, em sua casa, às 20 horas, quando deixa o trabalho.

Indagamos, antes dele ir-se, se tem já mensagens ulteriores às publicadas no Rio, isto é, recebidas depois de 28 de março último.

Ele diz que tem, mensagens, versos, etc., ainda inéditos, de antes e depois da data citada.

Fala com um tom de sinceridade que impressiona.

— Se o senhor espera aqui, eu lhe mandarei já todas essas mensagens e versos, para o senhor ler.

E foi-se, apressadamente, para o balcão pobre da venda sertaneja.

Pouco depois recebíamos, numa pasta de papelão, uma série de produções, crônicas, versos e produções outras enviadas de Além-Túmulo, segundo a declaração escrita ao pé, por Augusto dos Anjos, Auta de Souza, Carmen Cinira, Antônio Nobre, Emílio de Menezes, Casimiro Cunha, João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Hermes Fontes, Humberto de Campos, Bilac, Luiz Guimarães, Léon Denis, J. P. d'Oliveira Martins, Bittencourt Sampaio, Julio Diniz, Eça de Queiroz, Thereza d'Avila, Camilo Castelo Branco, Martha (?) e um Emmanuel, guia do médium.

À vista daquelas páginas alvoroça-nos um pouco.

Voltamos ao hotel.

E com uma estranha sensação de mistério e de milagre, o repórter se entrega à leitura daquelas confidências comovidas da morte.

(Do jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, RJ, 1º/mai/1935.)

2

O GLOBO PUBLICA HOJE UMA NOVA CRÔNICA DE HUMBERTO DE CAMPOS, QUE O "MÉDIOUM" DE PEDRO LEOPOLDO DIZ TER RECEBIDO A 15 DE ABRIL ÚLTIMO

Um punhado de versos recolhido no arquivo de Chico Xavier – Bilac, Augusto do Anjos, Carmen Cinira – Uma súplica da cigarra morta – No rumo do impressionante

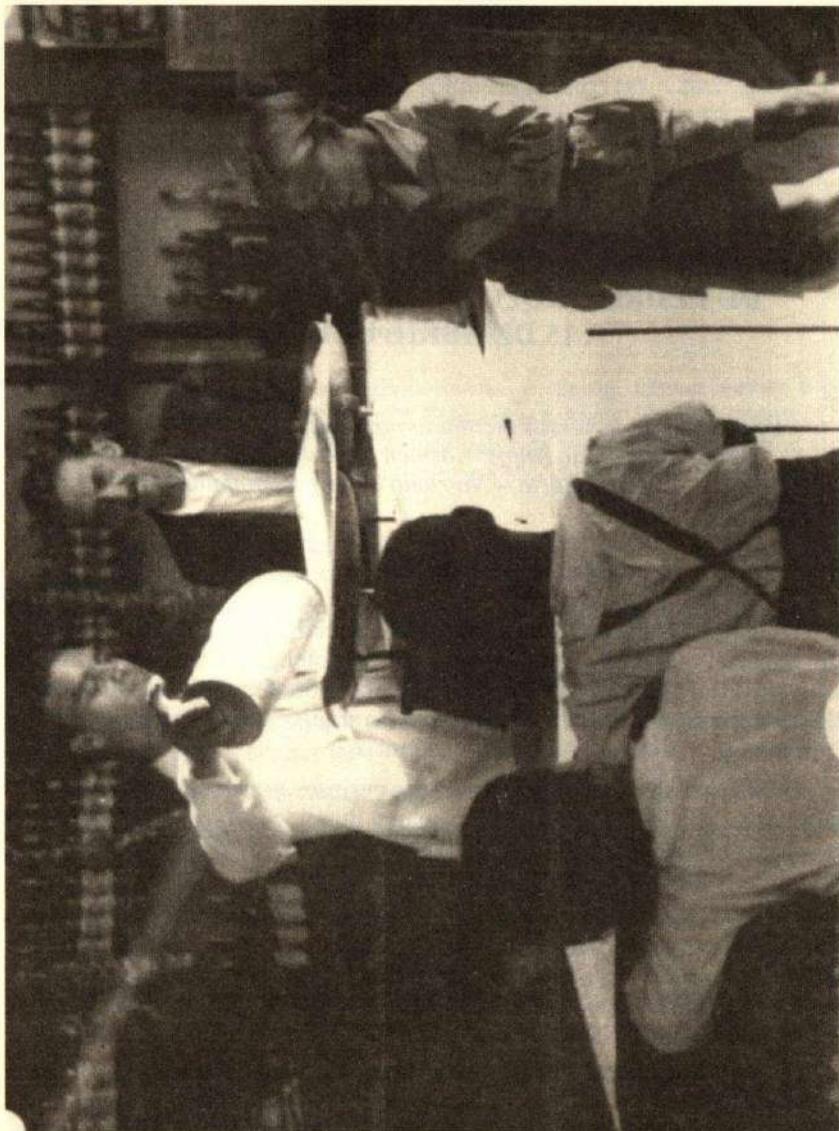
Pedro Leopoldo, 23 (Do enviado especial do GLOBO, Clementino de Alencar) – Recolhido ao seu quarto de hotel, logo após ao primeiro encontro com Chico Xavier, na Coletoria, o repórter entrega-se, na tranqüilidade da tarde, à leitura daquele verdadeiro arquivo de mensagens de Além-Túmulo que o médium lhe deixara em mãos.

Nossos olhos correm, a um tempo curiosos e ansiosos, sobre aquelas páginas incríveis que o caixeteiro bisonho e humilde afirma ter recebido em transe do mundo das sombras invisíveis que ficam para lá dos limites das nossas percepções normais.

Prosadores e poetas, com cujo espírito julgávamos ter perdido definitivamente todo o contato que não fosse o das obras que nos deixaram, ali de novo, e imprevistamente, nos falam numa linguagem que – mesmo sem perder, em muitos, as peculiaridades de estilo inconfundíveis – traz um reflexo de estranhas claridades e um mágico sabor de purificação.

São os vates familiares à nossa alma e ao nosso coração que voltam – verdade? ilusão? – ao alcance da nossa sensibilidade para, de novo, alvoroçarem, como dantes, na fase inesquecida de suas manifestações terrenas o mundo arcano de nossas emoções.

Bilac, Emílio, Hermes Fontes, Cruz e Souza, Antonio Nobre, Quental, Carmen Cinira, Augusto dos Anjos e outros, muitos outros, ali novamente



Chico Xavier, em seu posto, no balcão da venda do Sr. José Felizardo Sobrinho, que se vê aí lado. O médium empuilha uma grande "concha", na época muito utilizada para pesar mercadorias a granel. (Copyright, Agência O Globo)

cantam e sonham, sofrem e esperam, na expressão daquelas páginas ditas psicografadas depois de sua morte.

Devemos crer, nesse parnaso do Além?

Esqueçamos, por ora, as dúvidas. Fique para mais tarde a análise.

Agora, deixemos cair, por momentos, sobre essas páginas, o olhar encantado da ilusão.

Jesus ou Barrabás?

Aqui, damos com o nome de Bilac, ao pé de um soneto. O fecho parece-nos um pouco fraco, mas, no conjunto, encontramos ainda o ritmo solene do cantor da "Tarde".

"Jesus ou Barrabás?" é o título que encima os versos:

Sobre a fronte da turba há um sussurro abafado.
A multidão inteira, ansiosa, se congrega,
Surda à lição do amor, implacável e cega,
Para a consumação dos festins do pecado.

— "Crucificai-o!" — exclama... Um lamento lhe chega
Da Terra que soluça e do céu desprezado.

— "Jesus ou Barrabás?" — pergunta, inquire o brado
Da justiça sem Deus, que trêmula se entrega.

— "Jesus!... Jesus!... Jesus..." — e a resposta perpassa
Como um sopro cruel do Aquilão da desgraça,
Sem que o Anjo da paz amaldiçoe ou gema...

E debaixo do apodo e ensanguentada a face,
Toma da cruz da dor, para que a dor ficasse
Como a glória da vida e a vitória suprema.

"Dentro da noite"

Depois, Augusto dos Anjos, sempre atormentado, complexo, profundo:

E' noite. À Terra volvo. E, lúcido, entro
Em relação com o mundo onde concentro
O espírito na queixa atordoadora
Da prisioneira, da perpétua grade,
— A misérrima e pobre Humanidade,
Aterradoramente sofredora!

Ausculo a humana dor, que hórrida sinto,
Dalma quebrando o cárcere do instinto,
Buscando ávida a luz. Por mais que sonde,
Mais o enigma do mundo se lhe aviva,
Em diferenciação definitiva,
Mais a luz desejada se lhe esconde!

É o quadro mesológico, tremendo,
De tudo o que ficou no abismo horrendo
Da tenebrosa noite dos gemidos;
São os uivos dos instintos jamais fartos,
As dores espasmódicas dos partos,
A desgraça dos úteros falidos.

Queixa-se, depois, o poeta morto da tortura da hiperestesia que o faz ainda sentir a emanação “do ácido sulfídrico das tumbas” e o “Tóxico e o veneno”, dos “infortúnios da Terra”.

“Cármén Cinira! Cármén Cinira!”

Ao fim desse drama de sensações tremendas que Augusto dos Anjos nos traça, chegamos, com alívio, ao estro delicado de Cármén Cinira:

“Cármén Cinira! Cármén Cinira!
Que é da minha cigarra cantadeira?
Embalde te procuro.
Por que cantaste assim a vida inteira,
Cigarra distraída do futuro?

Perturbada,
Aturdida,
Busco a mim mesma aqui nestoura vida...”

Sente, então, a poetisa que outra existência se revela após a Terra. E, dirigindo-se ao Senhor:

“Eu te agradeço a paz que já me deste,
Mas eis que ainda te imploro comovida,
Porque me sinto em fraca segurança;
Deixa que eu guarde ainda nesta vida
Meu escrínio de estrelas da Esperança.”

Humberto...

E os olhos da ilusão continuam sofregamente a correr sobre aquelas páginas de confidênciа e de mistério...

Outros poetas passam outros tormentos e outras redenções. Depois os versos cessam, e a prosa esparrama-se sobre a folha branca:

Humberto...

Nosso olhar desprende-se do papel, um momento, e alonga-se, pela janela a fora, por sobre o casario, até ao dorso da colina distante por onde descem, à tarde, os carreiros de Matozinhos.

Humberto de Campos...

Nas suas “Memórias inacabadas”, esse nos diz, falando pelas lembranças da sua adolescência:

“Eu tinha dezesseis anos, e desde os oito ou nove, a morte, e as cousas de além da morte, constituíam a minha constante preocupação”.

E mais adiante:

“O que me afligia e atordoava não era todavia, o pavor do Inferno católico, o castigo na outra vida, a privação possível da bem-aventurança assegurada aos que tivessem fé. Os meus tormentos neste mundo já eram tantos que pouco me preocupavam os do outro. O que me perturbava e desorientava era o conhecimento, que eu tomara, da situação miserável do homem na Terra e no Universo. Eu tinha crescido na certeza de que o Homem era o Rei das coisas criadas, e de que tudo girava, no mundo, em torno dele. E eis que, lendo os mestres, conversando os espíritos culminantes do meu século, verificava que os mais esclarecidos, os mais fortes, eram, em relação aos fenômenos da Vida e da Morte, tão ignorantes quanto eu! De que tinham servido, então, os milênios rolados desde a origem das cousas para o abismo dos Tempos? Que tinham feito filósofos e cientistas, homens de pesquisa e homens de meditação, que eu, chegando tão tarde no planeta, lançava, ainda e debalde, o grito surdo do meu espírito, pedindo a todos os ventos uma voz enérgica e segura que me desvendasse a Verdade?”

O ciclo da sua vida terrena encerrou-se, não faz muito. A morte já lhe fez a sua revelação. E agora, aqui o temos de novo a falar-nos do seio dos mistérios sombrios que lhe inquietavam as cismas daqueles anos distantes.

Nossos olhos recolhem-se, caem outra vez sobre o papel e lêem:

"Judas Iscariotes"

(Comunicação mediúnica, recebida em P. Leopoldo, no dia 19 de abril de 1935)

Silêncio augusto cai sobre a Cidade Santa. A antiga capital da Judéia parece dormir o seu sono de muitos séculos. Além, descansa Getsêmani, onde o Divino Mestre chorou numa longa noite de agonia; acolá, está o Gólgota sagrado, e em cada coisa silenciosa há um traço da Paixão que as épocas guardarão para sempre. E, em meio de todo o cenário, como um veio cristalino de lágrimas, passa o Cedron silencioso, como se as suas águas mudas, buscando o Mar Morto, quisessem esconder das vistas dos homens os segredos insondáveis do Nazareno.

Foi assim, numa destas noites, que vi Jerusalém, vivendo a sua eternidade de maldições.

Os Espíritos podem vibrar em contato direto com a História. Buscando uma relação mais íntima com a cidade dos profetas, procurava observar o passado vivo dos Lugares Santos. Parece que as mãos iconoclastas de Tito por ali passaram como executoras de um decreto irrevogável. Por toda parte ainda persiste um sopro de destruição e desgraça. Legiões de duendes, embuçados nas suas vestimentas antigas, percorrem as ruínas sagradas e, no meio das fatalidades que pesam sobre o império morto dos judeus, não ouvem os homens os gemidos da humanidade invisível.

Nas margens caladas do Cedron, não longe talvez do lugar sagrado onde o Salvador esteve com os discípulos, divisei um homem sentado sobre uma pedra. De sua expressão fisionômica irradiava-se cativante simpatia.

— Sabe quem é este? — murmurou alguém aos meus ouvidos. — Este é Judas...

— Judas?

— Sim. Os Espíritos apreciam, às vezes, não obstante o progresso que já alcançaram, volver atrás, visitando os sítios onde se engrandeceram ou prevaricaram, sentindo-se repentinamente transportados aos tempos idos. Então, mergulham o pensamento no passado, regressando ao presente, dispostos ao heroísmo necessário do futuro. Judas costuma vir à Terra, nos dias em que se comemora a Paixão de Nosso Senhor, meditando nos seus atos de antanho...

Aquela figura de homem magnetizava-me. Não estou ainda livre da curiosidade do repórter, mas entre as minhas maldades de pecador e a perfeição de Judas existia um abismo. Meu atrevimento, porém, e a santa humildade do seu coração ligaram-se, para que eu o entrevistasse, procurando ouvi-lo:

— O senhor é de fato o ex-filho de Iscariotes? — perguntei.

— Sim, sou Judas — respondeu aquele homem triste, enxugando uma lágrima nas dobras de sua longa túnica. — Como o Jeremias, das Lamentações, contemplo às vezes esta Jerusalém arruinada meditando no juízo dos homens transitórios...

— É uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento a respeito da sua personalidade, na tragédia da condenação de Jesus?

— Em parte... Os escribas que redigiram os Evangelhos não atenderam às circunstâncias e às tramas políticas que, acima dos meus atos, predominaram na nefanda crucificação. Pôncio Pilatos e o tetrarca da Galiléia, além dos seus interesses individuais na questão, tinham ainda a seu cargo salvaguardar os interesses do Estado romano, emprenhado em satisfazer às aspirações religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma história. O Sinedrim desejava o reino do Céu, pelejando por Jeová a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagônicas, com a sua pureza imaculada. Ora, eu era um dos apaixonados pelas idéias socialistas do Mestre; porém, o meu excessivo zelo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos corações, eu via a política, única arma com a qual poderia triunfar e Jesus não obteria nenhuma vitória com o seu desprendimento das riquezas. Com as suas teorias nunca poderia conquistar as rédeas do poder, já que em seu manto de pobre, se sentia possuído de um santo horror à propriedade. Planejei, então, uma revolta surda, como se projeta hoje em dia na Terra a queda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundário e eu arranjaria colaboradores para uma obra vasta e energética, como a que fez mais tarde Constantino Primeiro, o Grande, depois de vencer Maxêncio às portas de Roma, o que, aliás, apenas serviu para desvirtuar o Cristianismo. Entregando, pois, o Mestre a Caifás, não julguei que as coisas atingissem um fim tão lamentável e, ralado de remorsos, presumi que o suicídio era a única maneira de me redimir aos seus olhos.

— E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

— Não. Não consegui. O remorso é uma força preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte trágica, submergi-me em séculos de sofrimento expiatório da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma, aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde, imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado. Vítima da felonía e da traição deixei na Terra os derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do século XV. Desde esse dia em que me entreguei por amor do Cristo a todos os tormentos e infâmias que me aviltavam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentindo na frente o ósculo de perdão da minha própria consciência...

— E está hoje meditando nos dias que se foram... — pensei com tristeza.

— Sim... estou recapitulando os fatos como se passaram. E agora, irmanado com Ele, que se acha no seu luminoso Reino das Alturas, que ainda não é deste mundo, sinto nestas estradas o sinal de seus passos divinos. Vejo-o ainda na cruz, entregando a Deus o seu Destino... Sinto a clamorosa injustiça dos companheiros que o abandonaram inteiramente e me vem uma recordação carinhosa das poucas mulheres que o ampararam no doloroso transe. Em todas as homenagens a Ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor. Olho complacentemente os que me acusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenária, como sobre estes sítios cheios de miséria e de infortúnio. Pessoalmente, porém estou saciado de justiça, porque já fui absolvido pela minha consciência, no tribunal dos suplícios redentores.

Quanto ao Divino Mestre — continuou Judas com os seus prantos —, infinita é a sua misericórdia e não só para comigo, porque, se recebi trinta moedas vendendo-o aos seus algozes, há muito séculos Ele está sendo criminosamente vendido no mundo, a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoedado...

— É verdade — concluí — e os novos negociadores do Cristo não se enfocam depois de vendê-lo.

Judas afastou-se, tomando a direção do Santo Sepulcro, e eu, confundido nas sombras invisíveis para o mundo, vi que no céu brilhavam algumas estrelas sobre as nuvens pardacentas e tristes, enquanto o Cedron rolava na sua quietude como um lençol de águas mortas, procurando um mar morto. — *Humberto de Campos. (*)*

No rumo do impressionante

A essa, segue-se outra crônica, intitulada “Na mansão dos mortos”, que enviaremos depois.

A noite já chegara. Fechamos a pasta. O fotógrafo apanhou a máquina; saímos, rumo à casa de Chico Xavier.

E ali, à luz fraca de sua residência pobre, ele nos fez a narrativa impressionante da sua vida e da sua iniciação espírita.

(*) Aqui reproduzimos o texto que foi revisado, posteriormente, pelo Autor espiritual, para o lançamento do livro *Crônicas de Além-Túmulo* (FEB, Rio, RJ, 1^a edição, 1937.) (Nota do Org.)

3

HUMBERTO DE CAMPOS ESCREVERA, EM VIDA, SOBRE CHICO XAVIER E SUAS POESIAS PSICOGRAFADAS

COMO O ESCRITOR PATRÍCIO IMAGINAVA, EM 1932, OS HABITANTES DO ASTRAL “CONDENADOS A ESCUTAR OS MAUS POETAS ATÉ À CONSUMAÇÃO DOS SÉCULOS”

A “biblioteca” do “médium” — *Quanto a leituras, o homem não foi muito além de almanaques, revistas e jornais velhos — O repórter prepara-se para assistir a uma sessão espírita*

PEDRO LEOPOLDO, 24 (Do enviado especial do GLOBO, Clementino de Alencar) — O dia de hoje assumiu uma significação muito especial para a população local. Toda Pedro Leopoldo já sabe que a reportagem do Rio está na cidade e que a sessão espírita, desta noite, será como que dedicada ao jornalista.

A casa onde Chico Xavier reside com irmãos e irmãs, quase todos menores, é tão pequena e tão pobre no seu mobiliário que ali se não podem realizar as reuniões. Estas têm lugar às quartas e sextas-feiras, na casa, também pobre, porém maior, do seu irmão casado, José Cândido, que tem ali uma pequena oficina de seleiro.

Nós não fomos propriamente convidados para a sessão de hoje. Apenas, durante a visita que ontem à noite fizemos a casa de Chico Xavier, como se fizesse referência às reuniões, mostramos desejo de assistir a de hoje, ao que nos responderam:

— Pois não. As sessões são públicas.